

# A mudança de rumos é mais que urgente

Herbert Levy \*

A economia continua sofrendo as conseqüências do erro cometido ao não se nivelar imediatamente a taxa do real à do dólar, na hoje famosa reunião do presidente com os ministros da área econômica, no domingo à noite, 5 de março.



O fato de se promover apenas uma desvalorização imediata de 1 1/2%, ficando os outros 13 1/2% para serem desvalorizados gradativamente, até 1º de maio, provocou o óbvio ululante: a corrida para a compra dos dólares, inclusive vendendo as ações em bolsas adquiridas com o "dinheiro quente" do exterior, só interessado em especular a curto prazo.

Niveladas imediatamente as duas taxas, seriam eliminados igualmente os déficits da balança comercial que ocorrem desde novembro último e em fevereiro bateram todos os recordes conhecidos. É mais do que evidente que, com os compromissos na balança de pagamentos, temos que obter saldos na balança comercial.

Nem os Estados Unidos escapam dessa lógica inexorável. Com enormes saldos negativos no orçamento governamental e igualmente na balança comercial, o imenso potencial econômico dessa nação não pode resistir a essa drenagem de recursos e o dólar registra, de tempos em tempos, crises de confiança, das quais a última foi a mais grave, com queda recorde em relação às demais moedas, sobretudo o iene e o marco alemão.

Não tendo sido feito no tempo certo o que era devido, o governo adota medidas traumáticas, como a alta de 70% nas tarifas de importação, pondo em polvorosa as empresas do setor.

Outra área, de vital importância, para a qual o governo adota uma política impossível de aprovar, é a do custo do dinheiro. Ninguém parece preocupar-se com o trauma, em todas as áreas de produção e comércio, das taxas de usura que estão em vigor, com o anunciado propósito de desviar dinheiro das compras para as aplicações financeiras e proteger o real contra a inflação.

Será que as autoridades econômicas não se detêm em considerar os aumentos de custo que essa política impõe, provocando altas de preços pelo caminho mais errado?

Leio no caderno Por Conta Própria, da Gazeta Mercantil de 29 de março último:

**Ministros da área econômica e Banco Central devem orientar-se pelo realismo**

"Um pequeno empresário do ramo de artefatos de couro se deu ao trabalho de pegar a sua calculadora financeira, uma pilha de borderô que vinha descontando, e calcular a taxa efetiva média do seu custo financeiro nas últimas semanas, depois de o governo ter puxado o nível dos juros de altos para estratosféricos.

"O empresário quase caiu para trás quando verificou que o custo financeiro embutido na sua operação era de 13,75% ao mês, ainda mais alto do que os níveis absurdos oficialmente cobrados pelos bancos.

"Os bancos cobram cerca de R\$ 5,00 pelo manuseio de cada documento; como os nossos descontos são de quantias pequenas, isso dá um

grande aumento no custo financeiro", explica.

"Ele prefere não se identificar, nem a sua empresa, pois acredita firmemente que seus bancos serão ainda mais duros se souberem das suas reclamações através da imprensa. Com o último salto nas taxas de juro, depois que o real foi desvalorizado, esse empresário diz ter perdido 20% do seu faturamento."

Outras informações na mesma edição, em artigo assinado por Fernando Dantas: "Eu compro minha matéria-prima a prazo, e vendo também a prazo; com a alta dos juros, eu tenho de aumentar (o preço); se tiver que recorrer a banco é pior ainda", diz Amauri Franco de Amaral, sócio da M. Amaral Indústria e Comércio de Uniformes.

E, finalmente: "O problema é que neste momento os empresários já estão às voltas com os aumentos decorrentes do aperto monetário anterior, isto é, antes mesmo de engolirem e digerirem totalmente os pontos percentuais a mais por conta da crise cambial, já vem o governo acenando com novas altas por causa do consumo.

"Na JAP, as fornecedoras de alumínio Alcoa e Alcan já sinalizaram que o custo nas vendas a prazo para aproximadamente trinta dias, que está em 4%, vai pular no início de abril para a faixa de 6 a 6,5%. Os bancos com que a JAP trabalha, por seu lado, devem elevar o custo do desconto das duplicatas de 6%, antecipado, para 8%. E o novo 'round' de aperto monetário ainda nem começou."

Os ministros da área econômica e o presidente do Banco Central precisam urgentemente tomar as diretrizes impostas pelo realismo e pelo bom senso.

\* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.